

ASHLEY POSTON

Autora de *Sete anos entre nós*

Nosso final feliz



Outros livros de Rachel Flowers...

Sonhos de narciso

Canção de amor não correspondido

Mel e mágoa

Devolva ao remetente

[Livro 5, inacabado]

Um fim

Era uma vez uma cidade.

Uma cidadezinha pitoresca, em um vale tranquilo, onde a vida andava na velocidade das lesmas e a única estrada para chegar também era o único jeito de sair. Havia uma loja de doces que vendia a melhor bala de mel que existe, e uma loja de jardinagem que exibia flores exóticas e lindas o ano todo. O café tinha o nome de um gambá que atormentou o dono por anos, e o chef de lá fazia a melhor rabanada de mel de toda a região. Havia um bar onde a atendente sempre sabia seu nome e sempre servia os hambúrgueres meio queimados, apesar de o molho de pimenta local disfarçar o gosto. Se você quisesse ficar lá durante o fim de semana, dava para se hospedar na nova pousada da cidade... assim que a reforma terminasse. E, depois de uma caminhada agradável pela Trilha da Abelha, existia uma cachoeira; diziam que, se você fizesse um desejo sob a sua queda-d'água, ele se realizaria. Havia uma farmácia, um mercado, uma joalheria que abria só quando Mercúrio estava retrógrado...

E, ah, havia uma livraria.

Ficava escondida em uma esquina despreziosa, em uma construção antiga de tijolos, e tinha um labirinto de estantes preenchidas com centenas de livros. No canto mais ao fundo havia um espaço de leitura com lareira e poltronas tão confortáveis que dava para afundar nelas por horas enquanto se lia. As vigas eram cheias de sinos de vento feitos de vidro que, quando a luz do sol entrava pelas janelas de cima, faziam as cores inundarem as fileiras de livros em tons do arco-íris. Uma família de estorninhos fizera ninho nos beirais do telhado e cantava canções diferentes todas as manhãs junto com o toque da torre do relógio.

A cidade era tranquila de um jeito aconchegante e sonolento. Se você fechasse os olhos, quase dava para ouvir o vale respirar conforme o vento passava por ele, entre os prédios, suspirando ao sair de novo.

Era uma vez uma cidade, e eu tinha certeza de que me sentiria em casa se algum dia eu chegasse lá.

Era uma vez uma cidade que não existia.

Estradas de interior

Eu estava perdida.

Não metaforicamente (ou pelo menos eu achava que não), mas fisicamente perdida, a centenas de quilômetros de casa, no meio do nada.

Sem sinal de celular. Com um mapa desatualizado. O tanque de gasolina quase vazio.

Ah, e estava sozinha.

Quando comecei a viagem de carro na véspera, antes de passar oito horas na interestadual e fazer uma paradinha em um hotel com tema de dinossauro, e de mais oito horas hoje, não achei que me perderia na última perna da viagem. Eu estava tão perto, o chalé onde ficaria por uma semana ao meu alcance, mas o Google Maps ficava travando enquanto eu seguia pela região de Rip Van Winkle até a tela do meu celular só mostrar terras bege e um pontinho azul – eu – vagando, sem estrada, no meio do nada.

Eu tinha feito uma viagem de carro com a minha melhor amiga nos últimos dois anos para o mesmo chalé em Rhinebeck, estado de Nova York, para encontrar as mesmas pessoas do nosso Clube do Livro Supersafado. Eu *não deveria* ter me perdido.

Mas aquele era um ano de primeiras vezes.

Acima, nuvens com cara de zangadas ribombavam com trovões, roxas com a chegada da noite e carregadas de chuva. Eu esperava que o tempo ficasse estável até eu encontrar o chalé, pegar uma garrafa de vinho no banco de trás e me acomodar em uma das cadeiras de balanço na varanda com um livro romântico nas mãos.

A promessa de uma semana de vinho e finais com “felizes para sempre” tinha mantido minha sanidade o ano todo, um ano que incluiu aulas chatas de inglês básico com alunos meio adormecidos, trabalhos feitos com IA sobre Chaucer e colegas que juravam que *Guerra e paz* era uma leitura cativante. O departamento de inglês estava cheio de gente que adoraria passar horas falando sobre *Beowulf* ou teoria da literatura moderna ou a interseccionalidade de textos pós-modernos. Mas, durante uma semana no ano, eu ficava ansiosa para tirar o manto de professora e desaparecer pelas estradas sinuosas que abraçavam as colinas suaves das Catskills para ler sobre encontros fortuitos impossíveis e grandes gestos românticos, sem ninguém me julgar por isso.

E, quando todo mundo pulou fora porque as exigências da vida atrapalharam, seríamos só eu e minha melhor amiga, Pru, o que também seria perfeito. Eu *precisava* disso. Pru não entendia o quanto. Ninguém entendia. Por isso, quando ela me disse na semana anterior que também não poderia ir, fiquei surpresa. Não, essa não é a palavra certa. Fiquei *decepcionada*, mas não quis demonstrar. Eu estava sentada no sofá em frente a ela, com *The Great British Bake Off* ao fundo, enfiando os dedos no edredom que eu tinha puxado sobre as pernas porque ela sempre deixava gelado o apartamento em que morava com Jasper.

– Desculpa – disse ela, girando os anéis nos dedos, nervosa.

Seu cabelo louro-escuro estava preso em um rabo de cavalo desajeitado, e ela já estava de pijama e pantufas. Era pequena e vivia queimada de sol no verão, com grandes olhos castanhos e uma cicatriz no queixo de quando meus dentes acertaram a cara dela na época em que tínhamos 12 anos e estávamos tentando dar piruetas na cama elástica. Pela fresta da porta aberta do quarto dela, eu via a mala já meio arrumada com suéteres e gorros de tricô fofos. Definitivamente, não eram peças de verão.

– O Jasper me surpreendeu com uma viagem pra Islândia, e essa é a única época em que a gente pode ir, por causa do trabalho dele, você sabe – disse ela depressa, como se falar rápido fizesse doer menos, como arrancar um band-aid metafórico de uma perna bem peluda. – Eu sei que não é ideal, mas ele *acabou* de me contar. Nós *acabamos* de descobrir. E... a gente pode ir para o chalé de novo ano que vem? – A pergunta surgiu cheia de esperanças.

Não, tive vontade de dizer, mas não consegui. *Não podemos. Eu preciso disso. Ainda preciso disso.*

Mas, se eu dissesse essas palavras, o que aconteceria? Nada de bom. Ela ainda viajaria para a Islândia e eu ficaria exatamente onde estava. Além do mais, nós duas sabíamos o que a Islândia representava: um pedido de casamento. *Finalmente.*

Era uma coisa que Pru esperava havia anos.

Então que importância tinha se ela não podia ir ao chalé naquele ano? Não era nada em comparação com o que ela tinha pela frente. Então, eu abri um sorriso e disse:

– Claro. Ano que vem a gente volta ao normal.

– Sem dúvida – prometeu ela, sem desconfiar de nada. – Ah, e será que este ano a gente pode reunir todo mundo em chamada de vídeo?

– Para com isso, Pru. Você sabe que, se Jasper vai te levar pra Islândia, você não vai ter tempo pra fazer nenhuma chamada de vídeo. – Levantei a mão e balancei meu dedo anelar vazio. – Você sabe o que ele vai fazer.

Minha melhor amiga se remexeu de ansiedade.

– Pode ser que não faça, e eu sei o quanto essa viagem é importante pra você...

– *Vai*, aproveita, nem pensa duas vezes – pedi, esvaziando a taça de vinho e me levantando para ir embora, porque não queria que ela visse como eu tinha ficado chateada.

Jasper era advogado júnior na firma de advocacia em que trabalhava e só tinha alguns dias de folga muito de vez em quando, e aquela era uma viagem de última hora que ele conseguira para os dois. Eu seria um monstro se ficasse com raiva disso.

Prudence podia até sacrificar nossa viagem, mas eu não. Estava desesperada por esse momento. Precisava ficar bêbada com vinho barato e chorar por finais felizes, mesmo sendo só eu no chalé naquele ano.

Então, no verão do meu trigésimo segundo ano de vida, sem dinheiro, sem perspectiva e com trabalhos demais gerados por IA esperando minhas notas na turma de inglês básico da faculdade, parti sozinha em uma viagem de carro de dezesseis horas.

Eu *precisava* me perder em um livro.

Mais do que precisava de qualquer outra coisa.

Além do mais, era o aniversário de dez anos de publicação de *Sonhos de narciso*, de Rachel Flowers, e isso era algo que eu queria comemorar. A autora tinha falecido alguns anos antes, e os livros dela tinham reunido o clube.

E acho que, lá no fundo, eu só queria fugir um pouco, a qualquer custo.

No trajeto de dezesseis horas, ouvi *Sonhos de narciso*. A narradora do audiolivro estava no meio da minha cena favorita. Peguei uma batata frita no saco de fast-food no banco ao meu lado e aumentei o volume.

– *Junie atravessou a ponte bamba até a cachoeira, procurando no verde intenso algum sinal de Will, mas sentiu o coração se partir um pouco a cada batida. Ele não estava lá.*

– Espera só – falei para ela. – O amor não chega atrasado nem adiantado, sabe?

Franzi a testa para a minha batata meio comida e a joguei de volta no saco. Estava cansada de fast-food e banheiros de posto de gasolina. Tantas horas disso realmente podiam esgotar uma pessoa.

Meu carrinho verde-vômito, apelidado carinhosamente de Ervilha, tinha começado a fazer um ruído agudo e chato quando ainda estava em DC, mas eu tinha decidido ignorá-lo. Afinal, Ervilha era um Ford Pinto de 1979, do tipo com talento para explodir tanques de gasolina. Então eu estava apostando que ele partiria com estilo e não por uma gaxeta rasgada ou um vazamento de óleo.

Eu deveria ter dado meia-volta, porque não podia imaginar nada pior do que ficar presa em uma cidade sem nome, mas eu era uma professora de inglês que trabalhava meio período, declarava sozinha o próprio imposto de renda e sabia trocar pneu, oras.

Nada me deteria. Bom, *quase* nada.

Uma gota grande de chuva se espatifou no meu para-brisa. E outra, enquanto Junie criava coragem para sair da cachoeira, sucumbindo ao pesadelo horrível do qual tivera medo o tempo todo: de que Will não a amasse. Não como ela o amava.

Eu conhecia aquelas palavras como se fossem as Escrituras Sagradas. Era capaz de recitá-las de tanto que as tinha lido.

Dali a poucos parágrafos, Will subiria a trilha correndo até a ca-

choeira, ofegante e exausto. Ele a tomaria nos braços e proporia reformarem a Pousada Narciso juntos, fazendo do local o lar dos dois. Um final feliz.

Eu sabia o que ela diria, mas meu coração saltou de ansiedade mesmo assim.

Eu sabia que a voz dela estaria suave e cheia de segurança quando ela o pegasse pelas mãos, apertando-as com força debaixo dos pingos cintilantes da cachoeira. E haveria magia ali, naquele momento. A magia da Cascata Quixotesca, que apertava o coração, travava a língua, roubava o fôlego e te deixava explodindo de entusiasmo. A magia do amor verdadeiro.

Como era amar tanto alguém a ponto de doer?

Uma vez, achei que sabia o que era isso.

Se a vida fosse como um livro de ficção, eu seria uma acadêmica especialista no assunto. Na maior parte do ano, eu dava aula de inglês na universidade local. Desafiava palavras poéticas sobre os maiores românticos da história. Ensinava sobre a devoção de Mary Shelley ao marido e sobre Lord Byron e sua... promiscuidade. Distribuía as cartas que Keats escreveu e desafiava os alunos a verem o mundo por lentes cor-de-rosa.

Eu avaliava trabalhos sobre *O vampiro* e Lord Byron, e ensinava que Mary Shelley guardava o coração calcificado de Percy na gaveta da escrivaninha porque era o mais próximo de romance que a vida podia oferecer.

Eu não *precisava* de amor. Não precisava cair de amores. Não precisava encontrá-lo. Não de novo. Nunca mais.

Porque as histórias de amor eram suficientes. Eram seguras. Nunca me deixariam na mão.

A chuva caiu com mais força, e minhas mãos ficaram suadas de nervosismo. Eu odiava dirigir na chuva. Pru sempre assumia o volante quando a gente ia a algum lugar. Esfreguei as mãos no short jeans, resmungando que deveria ter planejado outro dia e reservado um hotel para passar a noite. Talvez ainda desse para fazer isso, porque eu não sabia onde estava.

Merda.

Desisti de tentar resolver o problema do Google Maps e voltei a olhar para a estrada.

De alguma forma, a chuva pareceu ficar *comicamente* pior, até que me vi dirigindo em meio a um verdadeiro pé-d'água. Acho que passei por uma placa de cidade, mas não deu para ler o que dizia. Os pingos batiam no teto do carro com tanta força que eu não conseguia mais ouvir o audiolivro.

– *Will deu... beijo... sussurrou... “Parece... sonho... para sempre?”*

– Droga, é a minha parte favorita – resmunguei, e aumentei o volume, mas o som já estava no máximo.

E aí a estrada pareceu fazer uma curva à frente. Graças a Deus! Talvez eu conseguisse encontrar a civilização e esperar a chuva passar.

Liguei a seta e peguei a saída. Adiante havia uma antiga ponte coberta estilo celeiro que atravessava um riozinho transbordando e formando espuma. Fui mais devagar para passar por cima. Eu tinha certeza de que no sol o caminho era lindo, mas, naquele momento, parecia que eu poderia escorregar até o fim do mundo a qualquer instante para nunca mais voltar. A estrada depois da ponte contornava uma inclinação íngreme com pinheiros e passava entre mais abetos altos, verdejantes no verão. Achei que tinha cometido um erro, porque a estrada parecia não ter fim, até que, pela névoa da chuva cinzenta, apareceu uma torre alta de relógio, e com ela os contornos suaves de construções, postes e carros. Uma cidadezinha.

A noite estava chegando rápido. Cliquei no telefone uma última vez para ver se conseguia atualizar o mapa, pois *devia* haver sinal de celular naquela cidade, não? Mas devo ter clicado com força demais, porque o telefone se soltou do suporte magnético e caiu no assoalho do carro, arrancando o conversor de fita cassete junto.

Quase na mesma hora, as reflexões serenas de Junie sobre jardins murados e amor verdadeiro viraram uma música pop alta, tão alta que me fez levar um susto no banco.

“*Come on, Eileen*”, dizia a música dos anos 1980.

Os faróis captaram um borrão. Eu vi com o canto do olho um momento antes de enxergar a estrada de novo...

Um homem. Havia um homem parado no...

– *Merda!*

Virei o volante para a esquerda. Os pneus da Ervilha cantaram. Meu

carro entrou em uma vaga e os pneus se chocaram com o meio-fio, fazendo um *tum* (um *tum* desastroso, na verdade) e parando de forma abrupta e definitiva. A música pop morreu junto.

Encontro fortuito

Meu coração disparou no peito. Ai, meu Deus... Ai, meu Deus, eu o atropeliei? Eu o matei? Ah, céus, eu ainda tinha um empréstimo estudantil para pagar. Não podia ser presa *ainda*.

Arranquei o cinto de segurança, engoli em seco e olhei ao redor. Não havia sangue no para-brisa, então eu não tinha atropelado ninguém, certo? Onde ele estava? Eu havia parado na frente de um bar. As luzes vermelhas do letreiro piscaram com a chuva caindo mais forte.

Abri a porta do carro e me obriguei a ficar de pé.

– Ei! – gritei, me virando na direção da rua, a chuva me encharcando de forma quase instantânea. Passei os dedos pelo meu cabelo acobreado e molhado. – *Ei!*

O homem estava sentado no chão, os óculos ovais tortos e embaçados. Ele se virou lentamente para me olhar, atordoado.

Ah, não.

Ah, não, não, não, n...

– Senhor... O senhor está bem? – perguntei, correndo para ajudá-lo a se levantar.

Ele era alto e magro, estava encharcado até a alma e a camisa branca de botão estava grudada no tronco musculoso. Parecia o fantasma pálido, louro e emburrado de Darcy, os ângulos destacados e firmes. Um arrepio desceu pela minha coluna. Na luz rosada da chuva do anoitecer, ele era muito bonito... e estava me olhando com raiva, como se eu tivesse acabado de tentar assassiná-lo.

Eu *não tinha* feito isso, que fique claro. Não de propósito.

– Você está bem? Quantos dedos está vendo? – Levantei quatro dedos, mas eram três, na verdade, porque dobrei o quarto.

Ele pegou minha mão e a abaixou.

– Três, pergunta capciosa. Você quase me atropelou – acusou ele, as palavras entrecortadas.

As luzes quentes da rua fizeram os olhos dele cintilarem como uma pedra preciosa.

Puxei a mão de volta.

– Bom, por que você estava no meio da rua?

Ele retorceu a boca numa careta.

– Eu estava atravessando.

– Não, você estava parado.

– Você quase me *atropelou*.

– Você estava parado no meio da rua!

Ele se abaixou para pegar a chave no asfalto.

– Não estou mais. – Virou-se e foi para a outra calçada.

Eu o vi se afastar, atônita.

– Como assim? – murmurei, tirando a franja molhada do rosto e olhando em volta.

Agora era *eu* quem estava no meio da rua.

Pelo menos, eu tinha parado na frente de um bar. A maioria das letras de néon estava apagada, menos os *Os* que, toda vez que trovejava, piscavam de forma a parecer que estavam gritando OOOOOOOOOOOO em luz vermelha raivosa. Não era nada ameaçador. No mínimo, eu poderia jantar lá e obter instruções de como chegar ao hotel mais próximo. Meu coração estava batendo rápido demais para eu dirigir mesmo. Então, peguei a carteira e o celular no carro e dei uma última batidinha amorosa no volante antes de ir para o bar.

Enviei uma mensagem para o clube do livro: CHEGUEI A UMA CIDADE.

Vai saber *qual* cidade era. E aí, por garantia, botei um emoji de sorriso no final, o que foi bem mais otimista do que eu estava me sentindo. Pouco depois, meu celular apitou com uma notificação: a mensagem não tinha sido enviada.

Perfeito.

– Bem – falei para mim mesma –, é assim que todos os filmes de terror começam.

Sozinha. Em uma tempestade. Em uma cidade sem nome no meio da floresta. Sem sinal de celular. Se Freddy Krueger ou o cara dos *Jogos mortais* saísse de trás de um prédio, eu botaria Ervilha na estrada e dirigiria até chegar à Nova Escócia.

Valeria a pena, eu repetia. A alternativa era... aquilo tudo não ter servido de nada, eu ter desperdiçado gasolina, sanidade e tempo nessa aventura mal planejada. Mas, assim como Bilbo Bolseiro quando saiu do Condado, eu estava começando a me perguntar se tinha cometido um erro *terrível*.

Um raio cortou o céu, seguido rapidamente pelo ribombar de um trovão, e eu saí correndo para o bar.

A porta se fechou com uma batida depois que entrei, e os sete clientes do estabelecimento se viraram para me olhar. Eu estava pingando no piso gasto de madeira. Ora, que constrangedor. Eu me sentei em silêncio em um dos bancos mais perto da porta, e os clientes se voltaram para suas bebidas.

Aquela noite não tinha *mesmo* como piorar.

Pelo menos eu não estava mais na chuva.

– O que deseja? – perguntou a atendente, empurrando uma toalha seca para mim.

Eu a peguei com gratidão e comecei a torcer o cabelo. A atendente era uma mulher mais velha de pele escura, cabelo curto grisalho e vibrantes unhas laranja, usando uma calça jeans surrada e uma camiseta com um logo de galo em chamas. Tinha o tipo de atitude acolhedora que me dizia que ela costumava bancar a terapeuta da maioria dos clientes. Que bom que eu estava só de passagem, pois duvidava que ela tivesse tempo para toda a minha história.

– Cerveja? Vinho? Uma bebidinha frutada com um guarda-chuvinha? Acabamos de receber uns cor-de-rosa floridos.

– Hum... Pode ser o tinto da casa que você tiver. E tem um cardápio de comida? – perguntei esperançosa.

Ela me deu um cardápio surrado. O plástico estava soltando dos cantos e havia uma mancha estranha perto da seção de vinhos.

– Claro. Dá uma olhada no cardápio e eu vou buscar a sua bebida – respondeu enquanto pegava uma taça no suporte e se afastava.

O banco era de couro, e as minhas coxas molhadas grudaram quando tentei me ajeitar. O bar estava gelado, e estremei enquanto olhava o car-

dápio. Ou *tentava*. As palavras estavam borradas e esfreguei os olhos, mas isso não resolveu nada. O local devia ter comida normal de bar mesmo. Eu já tinha comido esse tipo de coisa tantas vezes na vida que sabia que havia *pelo menos* hambúrguer, batata frita com queijo e uma opção de frango empanado no menu.

Eu ainda estava tão irritada por causa do acidente com aquele homem estranho que nem estava com fome, mas ouvia a voz da minha mãe me repreender e dizer que, se eu não comesse agora, mais tarde ficaria mal-humorada e com enxaqueca. Ela não estava errada, mas era irritante. Mesmo a 1.500 quilômetros, fazendo a aventura dela estilo *Comer, rezar, amar*, ela estava me perturbando sem nem saber.

O bar era pequeno, iluminado com letreiros de néon cheios de trocadelhos musicais. O cheiro de cigarro era inconfundível, apesar da placa enorme de PROIBIDO FUMAR atrás do balcão. A fumaça tinha se entranhado nos bancos gastos de couro do bar anos antes, e não havia limpeza capaz de tirar aquele cheiro agora. Mas eu não me importava. O cheiro era como o das espeluncas para onde Pru tinha me arrastado na faculdade. Ela sempre encontrava uma banda cover dos Beatles e gritava para tocarem “Dear Prudence” só para ouvir um estranho cantar o nome dela.

Quando seu nome é inspirado numa música, é preciso tirar o maior proveito possível disso.

Não tinha tanta gente no bar, só alguns moradores nas mesas altas no fundo, vendo um jogo de alguma coisa na TV. Futebol, acho.

Quando a atendente voltou com o meu vinho, pedi um hambúrguer e devolvi o cardápio. Ela anotou no bloquinho e assentiu.

– Boa escolha, boa escolha. Vai ficar pronto num instante. Se você precisar de mais alguma coisa, vou estar ali do outro lado vendo o resto da partida – disse ela, apontando para as televisões no fundo. Em seguida, se inclinou para perto e sussurrou, como se fosse segredo: – Apostei cinquenta no Wimbledon.

– Quem me dera saber o que é isso – respondi.

Ela deu de ombros.

– Eu também não sei, mas não consigo deixar uma aposta passar. Aah, acho que alguém fez gol! – acrescentou ela, e correu para o outro lado do bar.

O tinto da casa até que não era ruim: um merlot frutado e doce, com gosto de amora. O hambúrguer chegou alguns minutos depois, com umas batatas meio murchas de acompanhamento. Meu cabelo não estava mais pingando, então fiz um coque e experimentei uma mordida. O arrependimento foi quase imediato de não ter pedido o frango empanado. A carne mais parecia um pedaço de carvão e estava dura como uma pedra. Pensei em devolver, mas a atendente estava absorta na partida e eu não queria tirar a atenção dela das cinquenta pratas.

Tudo bem, falei para mim mesma, e peguei um frasco de ketchup do suporte de condimentos. O rótulo tinha sido arrancado, provavelmente para disfarçar a marca. As pessoas eram estranhas com ketchup. Estava mais aguado do que a maioria, mas, desde que disfarçasse o gosto, eu não me importava.

Quando dei outra mordida, descobri que não era ketchup.

Era molho de pimenta.

Era um molho de pimenta tão apimentado que, depois de uma só mordida, eu já não conseguia sentir a minha cara.

– Tudo bem aí? – perguntou a atendente, voltando como se conseguisse sentir meu sofrimento.

Eu engoli a dor.

– Sim, tudo bem – falei, ofegante, e virei boa parte do vinho.

De alguma forma, isso *piorou* a ardência. O que quer que houvesse naquele frasco de vingança de Satanás tinha transformado meus lábios em geleia.

– O molho de pimenta te pegou – inferiu ela.

Tirou uma coisa da geladeira atrás do balcão do bar. Uma caixinha de leite, provavelmente usada em cafés de fim de dia. Ela serviu um copo e eu bebi com gratidão.

– Vai melhorar daqui a pouco. O calor sempre chega na frente, mas depois deixa um retrogosto bom, adocicado. É bem gostoso, no fim das contas – disse ela enquanto eu terminava o copo de leite. – Aliás, meu nome é Gail.

– Eileen – falei, pegando um guardanapo e secando o nariz. – E desculpe, eu não sabia que ia escorrer tanto. O que tem nesse molho de pimenta?

– É segredo, o Frank diz. Mas você está sentindo o doce agora, né? – acrescentou ela, sorrindo.

Estava mesmo.

– Quase tem... gosto de mel?

– Não conta para o Frank que você disse isso – avisou ela.

– Anotado.

Eu não sabia quem era esse tal Frank, mas de repente era meu pior inimigo. Eu quase ouvia Pru rindo da minha falta de sorte. Ela diria que eu provavelmente passara debaixo de uma escada ou na frente de um gato preto; era melhor jogar sal por cima do ombro e girar no sentido anti-horário três vezes. Ela nunca passava vergonha aonde quer que fosse; sabia o que pedir em bares e conseguia escolher o melhor petisco em qualquer cardápio. Era o tipo de pessoa para quem o mundo se abria, e eu sentia falta do brilho dela.

Eu esperava que ela estivesse curtindo o voo para a Islândia. Esperava que ela fosse sentada ao lado de um bebê chorando. Esperava que ela visse um monte de geleiras chatas e comesse muitas renas macias e... e que se divertisse.

Eu não sabia ficar com raiva. E *estava* com raiva.

O grupo de moradores no fundo do bar comemorou quando o time deles marcou um gol e deu tapinhas nas costas uns dos outros. Alguém tinha ganhado dinheiro... e talvez encerrado uma amizade.

– Droga, lá se vão os meus cinquentinha – resmungou Gail, e balançou a cabeça.

Tomei outro gole de vinho. Uma mordida do hambúrguer tinha sido suficiente para mim e comecei a comer a batata. Tinha que haver *uma* que não estivesse murcha...

Gail se virou para mim e perguntou:

– Então foi a chuva que te trouxe?

– É, fui pega de surpresa e decidi parar para esperar. – *Ah, e eu quase matei um cara.*

– Você provavelmente vai ter que esperar até amanhã de manhã – comentou ela, pegando alguns copos na pia e colocando no corredor.

Quase engasguei com a batata murcha.

– *De manhã?*

Ela deu de ombros.

– É a vida.

Era fácil para *ela* falar. Eu tinha um chalé aonde ir e férias para começar. Sozinha. Ninguém estava me esperando naquele ano.

– Tem algum hotel que você recomendaria?

– *Tinha* – respondeu ela –, mas está em obra. Que azar você ter vindo junto hoje.

Esse parecia ser o tema da viagem até ali, e pelo jeito não mudaria tão cedo. Teria que ser o Hotel Carro então. Eu já tinha dormido em lugares piores. Principalmente no chão debaixo da minha mesa na sala apertada e sem janela chamada *escritório* da universidade. Além disso, diziam que eu tinha dormido em um banco no meio do gramado da universidade no meu terceiro ano da faculdade, mas não me lembrava, apesar de Pru *jurar* que tinha passado a noite toda me procurando.

A porta da frente se abriu e um sopro ruidoso de chuva e vento percorreu o bar. Gail voltou o olhar para o recém-chegado e sua preocupação virou uma revelação.

– Sabe – declarou ela, planejando alguma coisa –, aguenta firme aí. Acho que tive uma ideia.

– Ah, não precisa...

– Rapidinho – disse ela, levantando o dedo quando alguém passou atrás de mim e se sentou a três bancos de distância.

O homem alto e anguloso como uma estátua esculpida que ganhou vida tirou a capa de chuva cor de sálvia. Ele era o plano dela?

Olhei para ele... e a minha esperança despencou como uma pedra na minha barriga.

Ah, *não*. *Ele*, não.

– Anderson, meu bem – disse Gail, cumprimentando-o e lhe servindo um copo d'água. – Você é a pessoa de quem nós precisamos.

O homem que eu quase tinha atropelado desviou o olhar de Gail para mim, depois para Gail de novo. O cabelo dele ainda estava úmido, cor de mel ficando louro-claro, e ele tinha vestido uma camiseta seca e uma calça jeans. Dobrou a capa no meio e a colocou com cuidado no banco ao lado, cauteloso, como se fosse um coelho preso na mira de um rifle.

– Sou?

Gail abriu um sorriso.

– Claro que é. Você ainda tem aquele seu loft, não tem?

Ele hesitou.

– Tenho?

– E está vazio, né?

– No momento. – Mas parecia que ele não queria admitir.

– Excelente! Essa jovem precisa de um quarto pra passar a noite – ela apontou para mim com o polegar –, e eu logo pensei em você. Ela é nova na cidade. Veio com a chuva.

Ele finalmente desviou o olhar para mim. Na luz do bar, os olhos dele se revelaram de um verde vibrante e lindo, quase menta. Senti aquele tremor de novo, começando no couro cabeludo e descendo até os dedos dos pés. Ele estava com barba por fazer havia uns dias e, quando repuxou os lábios, a cicatriz no lado esquerdo da boca virou um fio branco e fino.

– É mesmo? – disse ele com ironia, me olhando por um bom tempo. Estreitou os olhos. – Que coincidência.

Minhas bochechas ficaram vermelhas de vergonha. *Era você que estava parado no meio da rua*, tive vontade de observar. *A culpa não foi toda minha.*

Só a maior parte. Provavelmente.

Acho que eu preferiria comer meu sapato a aceitar a hospitalidade dele.

– Eu vou ficar bem, pode deixar – falei para Gail.

– Que besteira! Onde você vai dormir?

– O meu carro...

– Você *não* vai dormir no carro! – disse ela, escandalizada com o pensamento. – Os ursos sabem abrir porta de carro.

– Eu tranco. – Se bem que, sendo sincera, eu não ficava muito empolgada de me imaginar acordando ao lado de um urso. Sei que devia ser a fantasia de alguém, mas não a minha. – Sei lá.

– Anders, diz para ela que ela pode dormir no seu loft – continuou Gail, se recusando a aceitar um não como resposta enquanto levava para ele um prato de comida que estava no balcão desde que eu tinha chegado. Ele devia ir ao bar com frequência para jantar. – Andie?

Ele colocou um anel de cebola na boca.

– Se ela prefere se arriscar com o urso ficando no carro, quem sou eu para interferir?

– *Anderson!* – Gail jogou o pano de prato nele.

Ele o pegou e abriu um sorriso pela primeira vez. Então ele *não era* só um bonitão mal-humorado. Quem poderia imaginar?

– Estou brincando! Estou brincando – disse ele, e virou a cabeça para mim. – A menos que você prefira *mesmo* se arriscar com os ursos.

Olha a pegadinha, pensei quando ele jogou a bola para mim. Eu obviamente não *queria* dormir no carro, mas ficar no loft de uma pessoa que eu quase tinha atropelado...

Percebi que o odiava. Não com veemência, mas com um ódio leve. Uma camada fina de ódio. Ódio suficiente para, se nós estivéssemos na beira de um penhasco, eu pensar seriamente em empurrá-lo. Eu *não* faria isso, mas a tentação estaria lá.

Cruzei os braços.

– Eu aceito o loft. Obrigada – falei com ênfase.

Os cantos dos lábios dele tremeram, mas só de leve, como se ele estivesse resistindo a um sorrisinho.

– Então fique à vontade para passar a noite lá, desde que não se incomode com os estorninhos nos beirais.

Estorninhos. Como a tatuagem atrás da minha orelha direita e de Prudence. *Para nos lembrar que, assim como o canto do estorninho, todas as histórias são diferentes*, dissera Pru enquanto segurava a minha mão, a tatuagem parecendo um furador de gelo atravessando meu crânio. *Além disso, eles são umas fofuras, né?*

Distraidamente, passei a mão na tatuagem. Estava meio desbotada agora, sempre coberta pelo meu cabelo desgrenhado.

Eu o observei.

Ele parecia ter a minha idade, uns 30 e poucos anos, mas sem aliança de casamento no dedo. O cabelo louro-claro formava cachos suaves em volta das orelhas, dando a ele um charme adolescente por baixo da bravata à la Darcy que exalava. O nariz era meio torto e as maçãs do rosto eram altas, os lábios carnudos, os cílios longos e claros.

Ele não era nem um pouco o meu tipo, mas não conseguia tirar os olhos dele, como se meu cérebro estivesse tentando identificá-lo. Parecia familiar? Eu já o tinha visto? Não, era impossível. Eu só estava cansada, sentindo falta de interação humana nas últimas 24 horas e de repente mais ciente do que nunca de que a minha camiseta do Fleetwood Mac estava puída demais,

meu sutiã esportivo rosa era colorido demais, meus tênis estavam molhados demais e... tenho certeza de que o meu rosto ainda estava corado e suado depois do molho de pimenta. O cabelo, um ninho de rato úmido e embaraçado que eu não lavava havia... três dias? Eram três? Ou quatro? Eu me perguntava isso enquanto puxava a ponta do rabo de cavalo, tentando não me esconder debaixo do balcão e desaparecer para sempre.

– Eu não me incomodo com os estorninhos – falei por fim.

– Excelente! – declarou Gail. – Está combinado.

Ele se virou para ela e disse:

– Como eu poderia dizer não para você, Gail? Eu passaria fome sem você e seu irmão.

Ele acenou para o cozinheiro pela janelinha que dava para a cozinha, e o chef lá atrás, um cara maior com pele negra, sobrancelhas peludas e um bigode ainda mais impressionante, acenou em silêncio.

Gail deu tapinhas na mão de Anderson como uma avó carinhosa.

– Ah, pode acreditar, vocês dois vão se dar bem que nem feijão com arroz, já percebi.

Ah, bom, eu não sabia quanto tempo demorava para o arroz olhar na cara do feijão, mas estava evitando olhar como se fosse um esporte olímpico e eu quisesse a medalha de ouro.

Gail, toda orgulhosa, foi ver como estavam os torcedores no outro lado do bar.

Virei o que restava da taça de vinho, os lábios ainda dormentes do molho de pimenta, e me perguntei se o urso teria sido a melhor opção, no fim das contas.

CONHEÇA OS LIVROS DE ASHLEY POSTON

Sete anos entre nós

Nosso final feliz

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

